

# Dossiê Complexidade Caminhos



NIKLAUS MANUELO<sup>1</sup>

Julgamento de Paris, C. 1517-1518, Aguada sobre tela, 223x160cm, Basileia<sup>1</sup>.

"O episódio da mitologia grega aqui representado foi transposto de uma maneira muito pessoal para uma floresta alemã com figuras inteiramente contemporâneas. Páris apresenta-se vestido de gentil - homem suíço, ele vem oferecer a Vénus a maçã que lhe garante a vitória. Juno, cujo vestido retoma o cromatismo do traje de Páris, e Minerva cujo corpo nu é um elemento simétrico de Vénus, voltaram a cabeça após a respectiva derrota. De um dos ramos da árvore, amor com os olhos vendados símbolo do amor que cega - dispara sua flecha sobre Páris."<sup>1</sup>

1. A pintura do Renascimento. Taschen.

# Reforma do Pensamento e Extensão Universitária<sup>1</sup>

Maria da Conceição Xavier de Almeida - UFRN

## RESUMO

Para pensar a reforma universitária é necessário ultrapassar os limites do programático que se atém aos projetos e metas pontuais para discutir o domínio do paradigmático, isto é, da concepção da missão da universidade. Desse ponto de vista, o artigo problematiza alguns dos princípios do pensamento complexo com vista a empreender uma reforma do pensamento. Identifica na extensão universitária um lugar privilegiado para realizar universidade e sociedade.

Palavras-chave: Reforma do pensamento - Universidade - Extensão universitária

## RÉSUMÉ

Pour penser la réforme universitaire, il est nécessaire de dépasser les limites du programmatique, lequel ne prend en compte que les projets et les buts ponctuels dans la discussion du domaine paradigmatique, c'est-à-dire, le domaine de la conception de la mission de l'université. Partant de là, l'article évoque la problématique de certains des principes de la pensée complexe, de façon à entreprendre une réforme de la pensée. Il identifie dans les activités de l'extension (intervention) universitaire, le lieu privilégié pour réaliser université et société.

Mots clés: Reforme de la pensée - Université - Extension (intervention) universitaire.

Como se fosse para rememorar a mitológica serpente *ouroboros*, que circunscreve um círculo ao morder a própria cauda, o século XX começa e termina movido por uma autofagia criadora. Se, na serpente, o ato de morder a própria cauda simboliza a auto-fecundação, as descobertas da física quântica nos primeiros anos de 1900, respingam nas últimas décadas do século fazendo germinar, mesmo com resistências, o embrião de uma consciência da incerteza do conhecimento científico, da fragilidade da noção de progresso e da urgente necessidade de repensar os descaminhos da aventura humana na terra. Aceitando a auto-crítica como antídoto para se precaver da auto destruição, o século XX transforma um círculo vicioso num círculo virtuoso, conforme expressão de Edgar Morin. Esse *círculo virtuoso* acolheu em seu nicho as condições favoráveis para a emergência de uma "ciência da complexidade" pautada por uma razão aberta, uma ética da religação dos saberes e a consciência do inacabamento de todo o conhecimento.

Dessa forma, as últimas décadas do século passado foram marcadas por balanços avaliativos e agendas propositivas de toda ordem. Essas avaliações e proposições continuam na ordem do dia e, no conjunto das auto-críticas do processo civilizatório está o desafio de pensar e empreender uma reforma da universidade de modo a torná-la mais afinada com os desafios do mundo contemporâneo.

1. Conferência proferida no XXVI FORUM de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras - Regional Nordeste. UFRN. Natal, 7 a 9 de abril de 2002. Hotel Imirá Plaza.

Entretanto, se a sintonia da instituição acadêmica com os problemas cruciais da sociedade é imperativa, ela não pode e não deve ser considerada suficiente. Longe de se restringir a um laboratório de prontuários sociais, a um banco de estocagem de soluções imediatas e casuísticas para responder e amenizar as tragédias cotidianas da odisséia humana, a universidade precisa ser também, e acima de tudo, projetiva e emancipatória. Operativa e fomentadora de respostas técnicas sim, mas não podemos abdicar do cultivo da razão crítica, da reflexão fundamental, da arte de gestar, alimentar e gerir os valores inalienáveis da condição humana: o direito à vida, à informação, aos benefícios do progresso da cultura e à felicidade. Daí porque a educação tem como papel primordial formar cientistas comprometidos com a sociedade; isto é, com homens, mulheres e crianças que precisam superar a experiência do tempo maquínico da repetição pelo trabalho para viver e não somente sobreviver. Não podemos, portanto, nos comprometer com uma educação prioritariamente técnica, voltada somente para a formação de profissionais à sociedade. No livro "Como vejo o mundo", Albert Einstein, o pai da teoria da relatividade, não poupa palavras para se posicionar em favor de uma educação para a ciência que religue os conhecimentos técnicos e humanísticos.

Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade (EINSTEIN, 1981, p. 29).

São as reflexões essenciais que farão a diferença no processo de formação, mas essas reflexões "de forma alguma se encontram escritas nos man-

uais". Por isso, Einstein (1981, p. 29) aconselha "com ardor as humanidades, essa cultura viva, e não um saber fossilizado". A atualidade das reflexões de um físico que marcou a história da ciência moderna se torna ainda mais expressiva quando ele fala dos excessos do sistema de competição e da especialização prematura que, *"sob o falacioso pretexto de eficácia, assassinam o espírito"*. Como se fosse pela ressonância de um eco, as palavras de Einstein são repronunciadas algum tempo depois pelo roqueiro inglês John Lennon. *"Creio que a maioria das escolas são prisões. A cabeça das crianças é aberta, e fazem-na ficar estreita para que vá disputar na sala de aula. Isso é irracional"*.

Sabemos que a universidade tem sido concebida, sobretudo, como produtora de conhecimento e formadora de especialistas para responder as demandas sociais. Talvez estejamos no momento adequado para problematizar essa concepção, sobretudo porque é preciso ter consciência, de que hoje, longe da exclusividade, e talvez mesmo da hegemonia, partilhamos, com outras instituições, da produção e reorganização do conhecimento científico. Por isso o papel da extensão universitária assume, cada vez mais, um lugar de destaque na relação universidade-sociedade.

É de suma importância reproblematicar o papel da instituição universitária. Prover as condições de produção do conhecimento sim, mas, acima de tudo, é inadiável implodir e romper as barreiras da difusão do saber acumulado pela ciência e estocado na academia. Formar os jovens, cultivar o senso de cidadania e justiça social, arquitetar o protótipo do profissional que atuará na sociedade do futuro é, mesmo resguardando os importantes alertas de Einstein, uma meta compulsória da lida acadêmica. Ela deve ser cumprida, mas não é só isso que nos cabe. Por outro lado, essa meta que expressa um compromisso indireto e sempre futuro com a sociedade não deve desvanecer o sentimento operante do presente. Dito com outras palavras, não basta ensinar uma profissão e cultivar o espírito dos que conseguem chegar à universidade. Nossa ambição é maior porque, contaminada

do sentido do presente exige de nós que ultrapassemos a solidez da partilha com os que estão dentro da academia, para atar os nós da religação com a Ágora maior da qual fazemos parte, com legiões de expectadores que nos imaginam, de forma ingênua e parcial, como mecenas do desenvolvimento, mentes brilhantes, demiurgos, verdadeiros mágicos detentores de todas as soluções para todos os problemas, mas também, nos vêem, lamentavelmente com certa razão, como doutores sabidos, mas inoperantes, pessoas excêntricas, parasitas sociais.

Nosso horizonte, é pois desafiador, mas não impossível. Enraizada no seu tempo, a universidade, como espaço privilegiado de reprocessamento da cultura e de produção de saberes e competências toma também para si a corajosa e indelegável missão de projetar uma história do futuro pela priorização do presente. A essa escolha projetiva, a essa redefinição da missão da universidade chamamos aqui de uma utopia realista. E por que? Porque para que tenhamos uma árvore frondosa amanhã, teremos hoje que escolher o tipo de árvore que responda ao nosso sonho e também hoje teremos que plantar a semente da árvore escolhida.

Projetar. Escolher e fazer. Os três termos fazem parte de um só processo e dizem respeito indiscutivelmente ao presente. Só se projeta, se escolhe e se faz, no presente. É Jöel de Rosnay, que participou com Edgar Morin nos anos de 1960 do chamado Grupo dos Dez e é atualmente diretor de desenvolvimento da Cidade das Ciências e da Indústria em Villette, nos arredores de Paris, quem problematiza com vigor as condições de previsibilidade da ciência em nossos dias. Para ele, qualquer previsão a longo ou médio prazo está fadada ao insucesso. De fato, no mundo altamente conectado em que vivemos, no qual os efeitos de um fenômeno banal interferem em domínios estruturais como na economia, por exemplo; no qual novos fenômenos emergem de maneira imprevisível e de forma inesperada; num mundo planetarizado onde as epidemias, os valores sociais e morais e as descobertas da ciência desconhecem limites territoriais e barreiras aduaneiras, é impossível para a ciência,

ainda resguardar para si a arte da previsão a partir das informações e análises que dispõe.

Se é verdadeiro afirmar que nosso presente é, em grande parte, um reprocessamento e ressignificação da memória que guardamos do passado, (e isso tanto no domínio biológico quanto no cultural), não é seguro dizer que o presente e o futuro são, de forma linear, prolongamentos da totalidade do passado. Calamidades, desastres e destruições ocorridas ao longo da odisséia humana nos informam que a sociedade é, e nós somos, reorganizações de pedaços do pretérito.

As séries estatísticas, a cronologia da história e os padrões invariantes não são mais, como acreditava a ciência, passaportes para prever o futuro. O futuro é incerto. E, por isso mesmo, urge fazer uso de duas das aptidões mais perigosas e ao mesmo tempo mais fantásticas da condição humana: a imaginação e a liberdade. Para Rosnay (1997) é preciso imaginar a sociedade que queremos para projetá-la e construí-la a partir de "fatos portadores de futuro". Tais fatos serão escolhidos por nós em função do futuro que queremos. Que sociedade? Qual a universidade para o amanhã? De tudo que dispomos hoje, como identificar berçários de idéias capazes de fazer florescer e crescer uma universidade com mais fluxos desejantes, menos afastada da sociedade, mais aberta à cooperação com outros espaços revitalizadores da cultura? Do que dispomos hoje na universidade, que dinâmicas, que exemplos, que metas e que ações privilegiar?

Bem sabemos que a maior parte das vezes, a palavra privilegiar funciona como uma pedra no sapato do intelectual, sobretudo se somos alimentados pelo sonho de uma sociedade mais igualitária, menos perversa e excludente. Entretanto, o desconforto e até mesmo a fobia ao vocábulo "privilegiar", esconde uma inferência e um deslocamento de sentido equivocados. Isto porque, como queremos uma sociedade menos discriminatória e excludente, como lutamos pela dissolução dos inconcebíveis privilégios sociais concentrados nas mãos de tão poucos, operamos uma cristalização desse sentido contextual do "privilegiar",

transpondo-o, literalmente, para nosso *metiér* acadêmico. Ora, privilegiar não é exatamente excluir. É priorizar e escolher aonde apostar com mais ênfase, porque queremos atingir certas "metas" - esse nome duro e frio que bem poderia ser substituído por horizontes ou sonhos. Por outro lado, e de forma complementar, privilegiar supõe também decidir de onde devemos esperar mais.

De resto, nosso incômodo diante do vocábulo "privilegiar" é um incômodo sem fundamento, pois sempre, a toda hora e em qualquer lugar, estamos privilegiando, escolhendo, decidindo no que apostar mais, em que investir mais sonhos, energias, tempo, vida. Além do mais, e considerada a difícil arte da gestão universitária, não privilegiar direções e horizontes é perder-se em meio a uma constelação de propostas e atividades fragmentadas e desconexas. Sabemos quantos projetos de universidades foram abortados, comprometidos, desvirtuados porque consentimos, não sem constrangimento interior, em apoiar atitudes mentais e atividades de toda ordem, em nome de uma suposta democracia do respeito à diferença e à diversidade. Uma reforma do pensamento capaz de gestar um projeto de universidade comprometido com uma sociedade mais justa, mais afetual, menos arrogante, mais duradoura e sustentável e pautada por valores que acalentam uma cidadania ao mesmo tempo local e planetária, não pode ser complacente com práticas acadêmicas que põem em risco tal ideário.

Assistir ao descompasso entre o que projetamos e as práticas cotidianas na academia, é uma contingência que faz parte da aventura errante da cultura. Isso não deve nos abater. O exercício do pensamento, os ideários sociais, os projetos de universidade, tanto quanto a dinâmica da vida e a vivência das paixões são marcadas pela simbiose entre ordem, desordem e reorganização. Entretanto, se a falta, a incompletude e a desordem parasitam tudo que é humano temos, na tenacidade, na esperança e na ousadia antídotos eficazes para não comprometer demasiadamente nossos sonhos. Da tenacidade se valeu a lendária, doce e

ardilosa Penélope, ao tecer, desmanchar e retecer continuamente o seu tapete. Essa imagem nos serve para dizer que garantir as condições de possibilidade para emprendermos uma meta, um sonho, é essencial. Sobretudo nós que compreendemos as universidades públicas brasileiras como incubadoras das "boas utopias", de que fala Edgar Morin, não podemos, pela permissividade, fechar os olhos diante de atitudes, projetos e programas que caminham na contramão obstaculizando, dificultando e por vezes impedindo que cheguemos mais rápido "não ao melhor dos mundos, mas a um mundo melhor".

Um Reitor, um Pró-Reitor, um Diretor de Centro ou Instituto, um Chefe de Departamento, um Coordenador de Curso não devem ser concebidos como excelentes equalizadores de projetos díspares e por vezes opostos e inconciliáveis. Distanciando-nos da idéia de universidade como somatório e empilhamento dos sonhos individuais onde tudo cabe, mas nada se relaciona, poderemos caminhar na direção indicada pelo sonho coletivamente escolhido e partilhado porque "tecido em conjunto". Pensando assim, um dirigente acadêmico toma para si a arte de lapidar e religar ideários, de transformar excentricidades e projetos marginais em focos de criatividade e renovação do fluxo projetivo comum que, à imagem de uma bacia hidrográfica, faz chegar ao destino a dinâmica prevista das coisas. Assim é possível avançar, trilhar novos caminhos, acalentar um meta-sonho que não sufoca nem mata os projetos individuais mas antes os potencializa, porque transforma o que era obstáculo em oxigênio que reatualiza, permanentemente, a vida dos sonhos partilhados. Só assim faz sentido alimentar a diversidade de visões de mundo que caracteriza a instituição universitária. Como sabemos, a palavra Universidade tem origem no vocábulo latino *universitas*, e, portanto, resguardar a diversidade na universalidade é garantir a *unitas-multiplex* de que fala Morin (1999), a unidade da diversidade, o que não nos livra de escolher caminhos, privilegiar direções e horizontes.

Da perspectiva de uma utopia realista, presente e futuro se confundem, se mesclam. Quanto a árvore da qual falamos, se é imponderável a sua condição de viver e se desenvolver, se é imprevisível que ela terá a dimensão esperada e cumprirá a função por nós desejada, é certo que sem o plantio da semente ou da muda, não haverá árvore amanhã. Exceto é claro, se decidimos por esperar pela semeadura natural, produto de alguma desordem criada - um vendaval, por exemplo, que se desloque e soterra sementes. Essa atitude de espera é certamente improvável, pois nós, "humanos, demasiadamente humanos", não somos seres do vendaval nem convivemos bem com o acaso. Somos mais propriamente seres do plantio, da semeadura, da domesticação, do projeto, da intervenção.

Uma utopia realista tem por princípios o amanhã a partir do hoje; o infinitamente grande a partir do infinitamente pequeno; o imaginado a partir do visível e do possível; o universal a partir do local; uma atitude cósmica a partir da ocularidade pontual e conjuntural; o que queremos e projetamos, a partir do que temos e do que fazemos.

O pontual, o ocasional, o agora. Com essas circunstâncias do tempo e da história temos que nos haver se queremos construir o futuro que começa todo dia. Desde que tenhamos por horizonte um futuro projetado e escolhido é no pontual, no fragmento, na dimensão fractal que reside o princípio da criação de todas as coisas que estão por vir. É Fábio Azamon quem nos lembra que

a mais longa caminhada só é possível passo a passo; o mais belo livro do mundo foi escrito letra por letra; os milênios se sucedam segundo a segundo; não fosse a gota e não haveria a chuva; o mais singelo ninho se fez de pequenos gravetos e a mais bela construção não se teria efetuado senão a partir do primeiro tijolo; apenas sete notas musicais deram vida à 'Ave Maria' de Gounoud, e à 'Aleluia' de Hendel [...]

Alimentados pelo sentimento da incerteza que traduz o espírito de nosso tempo; contaminado pelo sentido do presente que impede que deixemos tudo para um futuro inatingível, porque sem-

pre futuro; e, por fim, imbuídos do desafio de fazer uso da liberdade como a arte da difícil aposta de privilegiar ideários e caminhos, poderemos, com vigor e tenacidade, empreender uma reforma do pensamento capaz de modelar a face de uma universidade pública que dialogue com os desafios da complexidade do mundo.

Certamente não estamos num ponto zero, nem muito menos somos detentores da verdade porque tomamos para nós o dever e a justeza de elucidar uma carta de princípios e uma agenda propositiva de uma nova universidade. Por isso mesmo é crucial uma autocrítica da estrutura acadêmica atual e uma tomada de consciência do paradoxo no qual se encera o desenvolvimento da ciência moderna.

## 1 - AUTOCRÍTICA E ESPERANÇA

Não é exagero afirmar que a estrutura universitária tornou-se pesada demais para responder a contento, até mesmo ao papel que ela própria se atribuiu. Mas, como em todo processo de "auto-organização pelo ruído", o isolamento e a autofagia acabaram por nos permitir enunciar o paradoxo no qual estamos imersos. Em parte desvinculada da sociedade; por vezes em antagonismo com outros espaços de produção do saber; montada em estruturas burocráticas auto-centradas e sem conexões; seccionando por força do poder estatutário, atividades inequivocamente inseparáveis como ensino, pesquisa e extensão; subsumindo a vocação prazerosa e ancestral do conhecer em estruturas de "cargos", "carreiras", e "regimes de trabalho"; propugnando de forma redutora e utilitarista pelo predomínio da resposta técnica sobre a especulação, da explicação sobre o entendimento, e assim por diante, a estrutura universitária tem se tornado, em grande parte, um empecilho para o pensamento criativo e libertário.

Seria, entretanto parcial e simplificador atribuímos unicamente à estrutura universitária, os equívocos do conhecimento científico diante dos

graves problemas do mundo contemporâneo. Se, é correto reconhecer a importância dos ideários prefigurados por Humboldt na Alemanha do século dezanove, o que nos legou uma estrutura de universidade departamentalizada tal como ainda a conhecemos, é inegável que a fragmentação do conhecimento daí decorrente, compromete até mesmo a significação do vocábulo "universitas". A crítica à fragmentação está no cerne das questões que o próprio conhecimento científico interroga hoje.

A ciência tem consciência de que está imersa num grande paradoxo multiplicador. Ao lado do seu fantástico progresso, há também a super-especialização disciplinar que torna os saberes incomunicáveis entre as distintas áreas do conhecimento: cada um de nós sabe muito bem sobre um tema, um fenômeno e uma forma de fazer, mas desconhece o entorno no qual está inserido e do qual depende o tema, o fenômeno, a prática. Ao lado dos aspectos benéficos das descobertas científicas que propiciam a cura das doenças e as soluções econômicas, políticas e ecológicas, há também seus aspectos nocivos e mortíferos, provenientes do manuseio distorcido daquelas descobertas - e temos, por exemplo, o extermínio de populações humanas, o comprometimento da bio-diversidade do planeta e a consolidação de uma pragmática social descomprometida com a preservação do patrimônio cultural da humanidade. Ao lado da conquista de novos mundos, novas técnicas, novos conhecimentos e da produção de novos materiais, há também a apologia do novo e a dispensa e desclassificação dos saberes milenares da tradição. Substituir é o verbo que conjugamos no lugar de renovar, atualizar, ampliar, reformar. Ao lado da laboriosa imaginação criativa dos cientistas, há também a gestação de um poder supra e intracientífico que transforma sementes de vida em ferramentas de morte. Em síntese, o paradoxo no qual se encontra imerso a ciência, excede a própria ciência, e tem suas raízes mais profundas na história das idéias e da cultura, na forma como a família, a escola e a política nos foram ensinando a atenuar a obstinação e a tenacidade para optar, escolher e fazer acontecer a sociedade que queremos.

Anunciar o paradoxo no qual estamos imersos e tomar consciência da falência de um projeto equivocadamente de universidade e de ciência, não nos permite, entretanto, enveredar pela saída do imobilismo derrotista. A avaliação de que o processo histórico de consolidação do conhecimento científico deu-se às custas da fragmentação dos saberes e o diagnóstico de que a pesada estrutura acadêmica favorece a rigidez do pensamento, a ossificação paradigmática e a burocratização do saber, não deve redundar na afirmação de que é unicamente fora da academia, ou pela sua negação, que se devem esboçar exercícios de um pensamento complexo, aberto e criativo. A reificação e sacralização dos saberes não-científicos é uma atitude tão perigosa e simplista, quanto o é o seu inverso. Se é verdade, como assinala Edgar Morin, que "*por vezes há mais criação numa taberna popular do que num coquetel literário*", é imperativo reconhecer também que intelectuais insubmissos exercitaram ao longo da história, e ainda exercitam - quase sempre a duras penas - uma reorganização da cultura e novas práticas de vida dentro da própria academia.

O mesmo pode ser dito em relação aos desafios postos ao e pelo pensamento complexo. Incertezas, descontinuidades, disparidades e equívocos se interpõem a cada momento, no espaço coletivo ou individual para fazer emergir uma "ciência nova". Não há uma metodologia, um conceito, nem uma práxis que, de forma definitiva e inequívoca, garanta a superação da fragmentação do conhecimento. Não há também um lugar por si só exemplar de onde brotarão sínteses dialógicas e verdadeiramente transdisciplinares. E, se a "reforma do pensamento" emerge por vezes de lugares inesperados, ela pode também surgir de espaços até então paradigmáticos e institucionais. "*A marginalidade é um ponto de partida útil, mas não suficiente, para a autonomia do pensamento*", provoca Morin em "*Para sair do século XX*". Desse modo, não basta o conforto psíquico de se dizer ou se tornar marginal e anti-paradigmático. Muito menos é suficiente empreender rotas de desvio, por mais promissoras e rizomáticas que sejam essas rotas. A

marginalidade tão necessária a expressão dos desvios reorganizadores só faz sentido quando alimentada por uma estética do pensamento capaz de transformar o desvio em tendência, sem o que será vão qualquer atitude ou projeto visionário. Para ultrapassar o patamar de um delírio, a atitude marginal e desviante abre mão do gozo individual que tal atitude confere para nutrir-se da difícil arte do diálogo e do convencimento. Não sendo assim, nenhuma emergência criadora aflora, nenhuma promessa de mudança e transformação se impõe, nenhum desvio se torna tendência, a estrutura esmaga o acontecimento. De outra parte, o desviante é cômico ao pagar por sua impertinência e ousadia, mas isso não lhe permite envaidecer-se de si próprio, nem pleitear honrarias do ineditismo. Um pensador do limite não condiciona o seu sonho libertário às demandas dos estímulos oficiais, nem se deixa abater pela ausência dos reconfortantes discursos de autorização e reconhecimento.

É que, no momento em que alguém dá um passo fora do que já foi passado, quando se aventura para fora do reconhecível e do tranquilizador, quando precisa inventar novos conceitos para terras desconhecidas, caem os métodos e as morais, e pensar torna-se, como diz Foucault, um 'ato arriscado', uma violência que se exerce primeiro sobre si mesmo (DELEUZE, 1992, p. 128).

Nesse caminho aberto e incerto talvez seja necessário cautela no que diz respeito a operacionalização de novas práticas acadêmicas e sociais. Se é verdade que toda mudança de ponto de vista requer uma objetivação; se podemos atestar a natureza redutora das políticas de gestão da sociedade; se temos consciência da necessidade de projetar e lançar as bases de uma universidade alimentada pelos valores de preservação da vida do planeta e do patrimônio da cultura, devemos entretanto nos nutrir de uma certa paciência histórica, que nos aconselha a não "ir com muita sede ao pote", nem reduzir o ideário de uma ecologia das idéias a operadores tecnológicos ou burocráticos.

Em direção a que horizonte devemos lançar nossas apostas? Na reflexão e reorganização da ciência e do conhecimento, ou nas proposições de políticas sociais e educacionais? Nas duas. De onde partirão atitudes, propostas e provocações afinadas com os princípios de uma realiança planetária, fundada na co-evolução da vida e no parasitarismo mútuo entre "amor, poesia e sabedoria?" Certamente tais atitudes, propostas e provocações partirão de esforços coletivos, mas também de atitudes solitárias, contemplativas ou estéticas. Tais atitudes, que por vezes nem ambicionam efeitos multiplicadores, deveriam ser resguardadas e entendidas como verdadeiras "emergências de complexidades", exemplos dos quais precisaremos nos momentos de paradigmática excessiva dos projetos universitários. Outras vezes os acionadores de uma nova universidade brotarão de espaços e circunstâncias imprevisíveis e emergirão de uma refundação do sujeito e de sua psique, tanto quanto do fascinante mas doloroso processo de reaprendizagem de uma cidadania comprometida com os destinos da nossa "Terra Pátria".

Mas, se temos que escolher e projetar nossos sonhos, porque não há uma aposta única, podemos pelo menos nos ancorar num protocolo de intenções e numa carta de princípios a resguardar: simplicidade, diálogo e abertura, talvez configurem, juntos, o campo rizomático de um pensamento complexo capaz de provocar uma reforma da universidade e uma reorganização da cultura. Mantido esse protocolo de intenções, resta-nos o desafio de manter o "calor das idéias", condição fundamental para evitar o congelamento de uma semente ainda em gestação.

## 2 - PARA ALÉM DO PRAGMÁTICO, O PARADIGMÁTICO

Inúmeras investidas têm sido levadas a efeito no sentido de pensar a reforma da universidade. Algumas estão anunciadas no âmbito das "Propostas de Diretrizes de Gestões Universi-

tárias"; outras aparecem em documento de "Diretrizes e Metas Ministeriais", em vários países; outras ainda configuram o espaço do debate das idéias sobre a temática. Essas investidas têm consolidado um conjunto de ideários plurais que oscilam entre a pragmática, a estratégia e a reflexão fundamental. Uma expressão importante desse debate plural no espaço planetário é a rede de discussão pela internet fomentada pela Associação para o Pensamento Complexo (APC), com sede em Paris e presidida por Edgar Morin. Esse fórum permanente e virtual do qual participam mais assiduamente sessenta participantes de doze países (dentre os quais o Brasil) reafirma temas e problemas que conhecemos bem: responsabilidade social da universidade; autonomia; novos modelos de gestão; articulação entre políticas públicas e atores universitários; risco de privatização da educação; crítica a transformação da universidade pública em "viveiros de empresas"; crítica a idéia de formação como promotora de "agentes competitivos"; avaliação das condições internas da academia para viabilizar um projeto de reforma; crítica a cultura dos especialistas; necessidade de atividades transdisciplinares; reflexões a respeito da importância das mudanças pontuais, são alguns dos temas e problemas discutidos por essa rede encorajada pela APC.

Sejam quais forem os caminhos e as dinâmicas apontadas nesses diálogos, é importante não perder de vista algumas das questões fundamentais e maiores sugeridas por Edgar Morin que, com propriedade, tem sido identificado como o protagonista central da reforma do pensamento e da educação no mundo atual. São três, para Edgar Morin, as meta-questões que devemos resguardar. 1. Deve a universidade adaptar-se à sociedade ou a sociedade a ela?, 2. A reforma da universidade não se reduz a uma reforma pragmática, ela subtende uma reforma paradigmática. 3. De onde partirão ou deve partir as propostas de reforma? - e aqui embora reconheça a necessidade de transformar a estrutura hegemônica da academia é importante investir em iniciativas marginais (MORIN, 1999).

Da perspectiva do pensamento complexo, é no limiar entre reflexão/proposição/prática que devemos investir nossos propósitos, utopias e ações, e lançar nossas apostas. Um protocolo de princípios deve está na base de qualquer estratégia de reforma da instituição universitária. Ao lado desses princípios, há também o desafio de dialogar e enfraquecer os focos de resistência a qualquer mudança, focos presentes na própria instituição. O alerta de James Donald é aqui oportuno. Ele nos sugere que devemos ultrapassar a oposição entre "*o conservadorismo que vê todos os esquemas de reforma como ultrapassados e o radicalismo evangélico para o qual a educação promete não apenas justiça social, mas também a plena expressão do potencial humano*" (JAMES, 2000, p. 63-64).

Em síntese o desafio supõe operar uma dialógica entre utopia e pragmatismo, o que requer entender a reforma da universidade como um mediador da reforma do pensamento. Essa mediação não supõe a relação de causa e efeito, mas é acionadora de uma recursividade que realimenta, simultaneamente, a reforma das mentes e da estrutura da universidade. O desafio supõe, por outro lado, saber ler uma das verdades contidas no vôo do mitológico Ícaro: voar no limite possível, como condição de não queimar as asas de cera e desabar no chão. Mas nunca abrir mão de voar no limite do possível. E, escolhemos o risco do vôo de Ícaro, precisamos ficar atentos sobretudo porque, da perspectiva do Pensamento Complexo, não dispomos de uma solução inequívoca nem de um evangélico da salvação. A noção de complexidade de supõe antes, risco, desafio, aposta.

Para Morin a complexidade é uma "palavra problema" e não uma solução. Não pode encerrar-se nos compêndios acadêmicos, mas deve "chegar às ruas e às praças". O intelectual não é mais entendido somente como aquele que domina muito bem o fenômeno do qual trata, mas também um sujeito ativo que se posiciona frente aos problemas do seu tempo. Essa definição de intelectual e a provocação de que temos que chegar as ruas e as praças nos permite falar da Extensão como uma expressão privilegiada de uma universi-

dade aberta para a sociedade. Dessa perspectiva, desalojar-se dos estreitos limites de um ensino marcado pela superespecialização para responder com competência aos complexos problemas políticos, ecológicos e sociais requer uma relação de diálogo com a sociedade a partir de outras linguagens, outras atividades, outros exercícios de vida.

É verdade que E. Morin pensa de forma global a reforma universitária e se atém em particular à necessidade da reforma do ensino fundamental. Seus últimos livros, *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2000), *A cabeça bem-feita* (2000) e *A religião dos saberes* (2001), expressam seu compromisso explícito com a educação, com a formação e o ensino. Pergunta: o que ensinar nas escolas? Como articular entre si os conteúdos específicos das disciplinas? Quais os grandes temas e valores capazes de mobilizar uma atitude mais ética diante do mundo?

Para Morin (2000a, p. 12), uma reforma do ensino deve estar atrelada a uma *reforma do pensamento*

que permite enfrentar o extraordinário desafio que nos encerra na seguinte alternativa: ou sofrer o bombardeio de incontáveis informações que chovem sobre nós, quotidianamente, pelos jornais, rádios, televisões; ou então entregarmo-nos a doutrinas que só detêm das informações o que as confirmam, rejeitando como erro e ilusão tudo que não está de acordo com nossa maneira de compreender o mundo.

Perguntando-se, como Marx a Feuerbach, sobre "quem educará os educadores?", e partindo da idéia de Montaigne, de que "mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia", Edgar Morin assume o difícil e perigoso desafio de propor uma reforma da educação e do ensino. Dirá ele que:

em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de uma aptidão para colocar e tratar os problemas e (lançar mão de) princípios organizadores que permitem ligar os saberes e lhes dar sentido. É evidente que isso não pode ser inserido em um programa, só pode ser impulsionado por um fervor educativo (MORIN, 2000a, p. 21).

E quais são os "saberes necessários à educação do futuro?" É necessário abdicar de nossas especialidades, dos conhecimentos já acumulados? Não. O fundamental é abrir as disciplinas, fazer dialogar as competências e as nossas estruturas de pensar. Para empreender tal exercício Morin sugere meta-temas capazes de aglutinar a multiplicidade das informações dispersas nos domínios disciplinares. "Cosmo", "terra", "vida", "sociedade", "homem", "culturas adolescentes", "história" e "arte", seriam os temas organizadores de uma reforma do ensino e também os temas articuladores das disciplinas. A nossa missão maior é, entretanto, fazer com que a educação favoreça e estimule

o pleno emprego da inteligência geral. Esse pleno emprego exige o livre exercício da faculdade mais comum e mais ativa na infância e na adolescência, a curiosidade, que muito freqüentemente, é aniquilada pela instrução (MORIN, 2000a, p. 21).

Ensinar a viver a condição humana articulando o estado prosaico e poético de nossa existência; assumir a incerteza, a indeterminação e o acaso; exercitar a auto-ética como pressuposto da ética coletiva, são alguns dos princípios gerais orientadores de uma nova prática educativa.

Resta-nos saber como temos exercitado nossa missão de educar para a vida. Certamente transmitimos, porque assim aprendemos, os conteúdos da cultura tecno-científica, deixando no esquecimento as narrativas literárias e os ensinamentos dos saberes milenares sobre o mundo físico, a sociedade e a condição humana.

Para nos colocarmos a questão dos saberes necessários a educação do futuro é fundamental que enunciemos uma agenda de múltiplos indicadores: 1. Pensar a educação como uma atividade humana cercada de incertezas e indeterminações, mas também comprometida com os destinos dos homens, mulheres e crianças que habitam nossa Terra-Pátria; 2. Praticar uma ética da competência que comporte ao mesmo tempo um pacto com o presente sem esquecer nosso compromisso com o futuro que deve estar explícito nesse pacto com o

presente; 3. Buscar as conexões existentes entre o fenômeno que queremos compreender e o seu ambiente maior; 4. Abdicar da ortodoxia, das fáceis respostas finalistas e completas; 5. Exercitar o diálogo entre os vários domínios das especialidades; 6. Deixar emergir a complementaridade entre arte, ciência e literatura; 7. Transformar nossos ensinamentos em linguagens que ampliem o número de interlocutores da ciência. Tudo isso talvez seja um bom exercício para religar nas teorias, nos conhecimentos e na ciência, os laços indissociáveis da "teia da vida".

Um novo estilo de ciência e de universidade está emergindo. E emergindo pelas nossas mãos, pelos nossos corpos e pelas nossas mentes. A julgar pelo fluxo intenso das comunicações no planeta, ela está nascendo simultaneamente no âmbito local, nacional e transnacional. A riqueza dessa ciência nova, imersa em tempos de incerteza, está no fato de que, já à nascença, ela é híbrida em seus pertencimentos, e, quiçá, possa ser polifônica no diálogo. Esse novo estilo de dialogar com o mundo certamente poderá realimentar uma universidade capaz de expressar uma ética da cumplicidade planetária.

Entretanto é fundamental ter a cautela suficiente para não transformar valores humanos essenciais, em receitas programáticas. Aqui ganha sentido as palavras do ilustre paraense J. J. Paes Loureiro. Na "Primeira epistola sobre o amor" o poeta assim se expressa: *"A precipitação é inimiga. Seja minucioso como o vento"*.

### 3 - EXTENSÃO, BERÇÁRIO DA REFORMA DO PENSAMENTO

Podemos sintetizar assim as indicações, apostas e proposições de Edgar Morin que se encontram explicitadas nos seus últimos livros sobre a educação e a reforma do pensamento.

A universidade tem hoje uma missão propriamente complexa. Recai sobre ela o desafio de "formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas do seu tempo". Precisa ela ultrapassar o anta-

gonismo entre a utopia e o pragmatismo, daí a necessidade de optar por uma utopia realista, alimentar sonhos e projetos coletivos a partir do que identificarmos como projetivo, criativo, emancipador. Diz Morin (1999, p. 17-18):

Poder-se-ia, distinguir dentro de cada universidade um centro de investigação sobre os problemas da complexidade e da transdisciplinaridade, assim como ateliês dedicados a problemas complexos e transdisciplinares. Igualmente ter-se-ia de assegurar a possibilidade da existência de teses poli ou transdisciplinares.

A educação de forma lata, mas também a universitária, tem como desafio fazer dialogar as disciplinas; prover o diálogo entre cultura científica e cultura humanística, essas "duas polaridades complementares" e não "antagônicas", a fim de "favorecer a emergência de novas humanidades" (MORIN, 2001, p. 23). Essas novas humanidades se enriquecem a partir do diálogo com as culturas tradicionais, com a literatura e a poesia. A "curiosidade infantil" deve permanecer viva e ser realimentada pelas interrogações do adulto. "Ensinar a condição humana, aprender a viver e o aprendizado da cidadania" são a base para a formação e auto-educação do ser humano. "Amor, poesia e sabedoria" são indissociáveis entre si da perspectiva da complexidade do sujeito. É premente ultrapassar o estado prosaico para experimentar a condição poética da existência, e é igualmente necessário viver, não apenas sobreviver. A reforma do pensamento não é um modismo, nem um investimento intelectual dispensável. Para Morin (1999, p. 18-19): *"a reforma do pensamento tem conseqüências existenciais, éticas, psíquicas. A universidade precisa superar-se para se encontrar. Para tal ela assume sua missão transecular e chega ao novo milênio com o intuito de civilizá-la"*.

Embora Edgar Morin não trate com destaque da missão extensionista da universidade e, por isso mesmo, podemos lançar nossas apostas ao escolher partir da extensão para promover, facilitar e empreender uma reforma do pensamento.

Afinal, se a reforma do ensino tem por objetivo a religação dos saberes, se a pesquisa tem por meta produzir o "conhecimento pertinente e transdisciplinar", ou seja, aquele que é capaz de "situar toda informação em seu contexto" e, se possível, no conjunto global no qual se insere, resta-nos problematizar a extensão universitária identificando aí focos de emergência de complexidade, campos de respiração da academia, lugar de diálogo entre o saber científico e os conhecimentos não-científicos, fatos portadores de sentido de futuro. A extensão pode assim ser compreendida como berçário da religação universidade-sociedade.

Por fim, faço mais uma vez uso da metáfora, essa prodigiosa ferramenta cognitiva que amplia o campo de compreensão do mundo. Imaginemos a universidade como um corpo humano e a extensão universitária como seus braços. Uma reforma do pensamento requer que pratiquemos o **abraço**, isto é, que empreendamos o exercício do pensamento complexo.

Se o pensamento complexo é o pensamento que pratica o abraço e se o abraço é a expressão corporal do acolhimento, o ato de envolver, a forma que permite conter, cingir e abranger, então uma reforma do pensamento se expressa por uma estética de vida marcada pela plasticidade dos corpos e da alma.

Saber praticar o abraço é promover a dialógica entre universalidade e singularidade; é exercer ações universitárias abertas ao acolhimento e a hostilidade, mas também ao ruído e a desordem. É saber decidir, optar, privilegiar o que queremos abraçar. Essa postura acadêmica que é também uma postura de vida, supõe uma ética de desafio, que comporta sempre a incerteza e a contradição, a 'dificuldade de pensar e de viver', como diz Morin. Situamo-nos, portanto, longe da calma, do equilíbrio total e das mundo-visões maniqueístas. Coragem, paciência, tenacidade, leveza, descomedimento, generosidade, excessos e compaixão, são os sentimentos e atributos dos quais precisamos hoje na universidade para pensar e projetar uma sociedade do futuro que começa no presente.

Se tal projeção traz a marca do perigo sempre a espreita, tudo bem. Que vivamos perigosamente! O perigo e os desvios estão, por vezes, grávidos de novas chances reorganizadoras.

A extensão é em grande parte o espaço do perigo e da incerteza, porque não faz uso da burocracia do conceito e da avaliação normativa. Nisso está seu potencial como o lugar da respiração da instituição universitária, como um espaço aberto para dicionarizar novos diálogos, capazes de projetar uma nova universidade para um novo mundo, capaz de refundar, como quer Morin, uma "Civilização das Idéias". É pela via da extensão, do sair de si, que o conhecimento pode dialogar com o mundo do qual fala. Estender os braços é um dever da universidade, entretanto, o abraço com ética e estética do pensamento complexo, está longe de ser insípido e acéptico. Ele é simultaneamente inocente e libertino. Contém doses antagônicas e complementares de intemperança, parcimônia, excessos, ludicidade e compaixão. É um abraço quase uterino, que sabe nutrir e conter, mas somente na condição de facilitar o momento da necessária expulsão para outro patamar de vida.

Projetar, escolher, fazer. Abraçar. Expandir. Esse é o desafio da face extensiva da universidade.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. Complexidade e ética como estética de vida. *Revista da Associação Palas Athena*, São Paulo: Palas Athena, n. 73, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.
- EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- JAMES, Donald. Liberdade bem regulada. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas: poesias.** São Paulo: Escrituras, 2000. v. 3.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. **Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental.** Natal: EDUFRN, 1999.

\_\_\_\_\_. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar; KERN, Anne B. **Terra pátria.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Fórum de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras.** Ilhéus: EDITUS, 2001.

ROSNAY, Joel de. **O homem simbiótico: perspectivas para o terceiro milênio.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O macrosópio: para uma visão global.** Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas, 1997.

TRABAJO SOCIAL: revista trimestral da Escuela Nacional de Trabajo Social. Edgar Morin no México. México: Amali Editores, 1997. Edição especial.

UNIVERSIDADE e desafios contemporâneos: proposição para uma política universitária. UFRN - 1999/2003. Natal: EDUFRN, 1999.